

Machado de Assis e Nelson Pereira dos Santos: um estudo da adaptação d' "Alienista" pelo Cinema Novo¹

Leila da Luz de PAULA²
Eugênio Vinci de MORAES³

Centro Universitário Internacional Uninter, Curitiba, PR

Resumo

A adaptação fílmica de obras literárias promove não só a propagação da cultura audiovisual como também a discussão acerca das teorias cinematográficas. O presente trabalho tem por objetivo, a partir dos modelos teóricos de *Ismail Xavier* (2005), apreender através de análises comparativas como se deu a construção narrativa em *Azyllo muito louco* (1971), adaptação do cineasta Nelson Pereira dos Santos do conto de Machado de Assis "O Alienista". Um estudo analítico do período histórico do Brasil, no qual o filme foi produzido e também da publicação de Machado, permitiu um melhor entendimento dos elementos apresentados como transposição narrativa no filme, sobretudo a herança da estrutura escravocrata na década de 1970.

Palavras-chave: adaptação; cinema novo; Machado; Brasil e política.

Introdução

Desde a primeira exibição cinematográfica, em Paris no ano de 1895, a percepção da realidade e da imaginação, tanto técnica quanto ideológica, vem transformando imagens em grandes discussões. A adaptação fílmica de obras literárias é um desses fenômenos que geram muitos debates. As adaptações têm espaço cativo no cinema há muito tempo. É nesse meio que acontecem análises mais intensas e sólidas quanto às teorias de adaptações. Diversos autores dessa temática expressam visões antagônicas quanto às suas estruturas e regras. Segundo o crítico Ismail Xavier (2003, p. 61-62), apesar do problema em relação ao significado da palavra adaptação ter sido por muito tempo julgado pela interpretação do

-
1. Trabalho apresentado no IJ 04 – Comunicação Audiovisual do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016
 2. Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo do Centro Universitário Internacional Uninter, email: leila_dipaula@hotmail.com
 3. Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo do Centro Universitário Internacional Uninter, email: euvinci@gmail.com

cinematista, hoje ela é estudada com maior amplitude. Para ele a ideia de fidelidade ao original não deve ser o critério básico para avaliar o filme devido aos distanciamentos que cercam as duas obras, não só pelo tempo e espaço, como também pelo próprio contexto literário e cultural de ambos. O lema deve ser “ao cineasta o que é do cineasta, ao escritor o que é do escritor” (XAVIER, 2003, p.62) já que possuem fatores que interferem diretamente nessa nova forma de diálogo.

Este trabalho é uma confluência da literatura de Machado de Assis (1839-1908), através da novela *O Alienista* publicada no periódico *A Estação* em 1881 e no livro *Papéis Avulsos* no ano seguinte, com a sua adaptação dirigida por Nelson Pereira dos Santos: *Um Azylo muito louco* (1971). Por meio de análises e comparações busca-se compreender de que forma a narrativa da mesma história base é construída e determinada pelos autores. Os diferentes períodos em que as obras foram produzidas representam, cada uma a seu modo, um ponto de vista do cenário político e social que o Brasil vivia. A partir disso se faz entender as influências históricas do país e como elas colaboraram para a criação de elementos narrativos dentro de cada linguagem. Para a interpretação de tais pontos serão comparados, segundo critérios expostos por Xavier, tempo e espaço das obras; as personagens (se há alteração desse quadro); se há elipses (saltos no tempo); alterações no espaço das ações (movimentos que foram aplicados de forma diferente no filme); se há nitidamente personagens ou histórias privilegiadas; pontos de virada na trama e sobretudo o tipo de narrador em destaque em ambas as obras (2003, p. 62,64 e 65).

A influência da colonização portuguesa e da nossa história escravocrata determinaram algumas ações dentro da política e do convívio social do povo brasileiro que são vistas até os dias de hoje. Essas atitudes influenciaram as visões de Machado de Assis e Nelson Pereira dos Santos ao trazê-las como pano de fundo a loucura e o asilo em suas narrativas. Quais as diferenças e semelhanças dentro desse contexto podem ser notadas pelos leitores e espectadores? A principal possibilidade é que haja por parte dos dois autores uma intencionalidade em apresentar os principais personagens da trama salientando suas atividades políticas na província, pois mesmo com algumas alterações realizadas pelo diretor do filme a trama e os personagens não sofrem modificações severas em suas estruturas e sua proposta de discussão que é a sociedade e a política.

Desenvolvimento

Para o desenvolvimento deste estudo foi utilizado como fundamentação teórica dois estudiosos das teorias cinematográficas: Ismail Xavier e Linda Huntcheon. Xavier será citado com os livros *Do texto ao Filme: a trama, a cena e a construção do olhar no cinema* e *O Discurso Cinematográfico: a opacidade e a transparência*. Linda Huntcheon traz no livro *Uma teoria da adaptação* uma discussão para três conceitos básicos ao tema adaptação. A metodologia bibliográfica objetiva um estudo comparativo entre a novela e o longa-metragem através de obras pertinentes ao tema proposto: as teorias de adaptação cinematográfica; o desenvolvimento do cinema novo no Brasil; a estrutura política e social do país em cada período da produção das obras (período escravocrata x golpe militar) e o contexto histórico e social da época dos autores. Para isso as obras estudadas foram: *Raízes do Brasil* (1995) de Sérgio Buarque de Holanda; *História da Vida Privada no Brasil* de Luiz Felipe Alencastro; *Alegorias do subdesenvolvimento* de Ismail Xavier; *Cinema brasileiro: proposta para uma história* de Jean-Claude Bernardet; *Machado de Assis* (1949) de Lúcia Miguel Pereira e “*Pássaro sem asas ou morte de todos os deuses*”, de Ivan Teixeira (2005), não menos importante, pois trata-se do objeto que permite essa discussão, é a análise e estudo narrativo do conto *O alienista* (1882) de Machado de Assis.

Os debates que envolvem a legitimidade das adaptações literárias dentro do cinema, em sua maioria, são tratadas de forma pejorativa. A visão geral, ao analisar uma obra adaptada como positiva ou negativa, tem relação direta com o conceito de fidelidade. Se a obra adaptada não sofrer alterações relevantes, ao ponto de modificar as ideias originais do livro, julga-se a competência do diretor. E quanto mais essas ideias remetem ao original melhor o filme é avaliado pela crítica. De acordo com Xavier (2003, p. 62) “a fidelidade ao original deixa de ser critério maior de juízo crítico” se analisarmos o filme mais como uma nova experiência de sentidos do que como uma simples releitura em uma nova mídia. Porém, a linguagem cinematográfica difere em diversos pontos da literatura, portanto sua comparação precisa ser estudada de maneira cautelosa. Considerando a ideia defendida de que o autor e o diretor não possuem a mesma sensibilidade e não estão no mesmo espaço de tempo, cada um possui uma liberdade única na criação das adaptações (XAVIER, 2003), um diretor jamais irá produzir, a não ser intencionalmente, um filme igual ao de outro diretor. Uma mesma história pode ser contada de formas distintas: por uma forma diferente na apresentação do tempo e pela organização dos dados. O que há de comum entre os autores, da obra original e da adaptação, é a construção narrativa que eles escolhem. Não se trata do mesmo formato, mas sim da escolha em determinar em qual momento da trama as

informações serão mostradas. “A narrativa é uma forma do discurso que pode ser examinada num grau de generalidade que permite descrever o mundo narrado” (XAVIER, 2003, p. 64). É como se o mundo imaginário das personagens se materializasse, e pudesse ser visto também quando cria-se uma forma de diálogo com o espectador independente do meio material (teatro, filme, texto, etc.) (XAVIER, 2003). Embora existam diferenças entre o texto e filme, as semelhanças são os seus “aparatos” narrativos, pois mesmo sendo tão singulares elas podem ser contadas de diferentes maneiras e por inúmeras tramas. A escolha sempre ficará a critério do autor de cada uma delas.

Embora as críticas aos filmes produzidos na forma de adaptação sejam amplamente difundidas, as suas qualidades são ímpares. A representação de determinada obra literária nas películas cria, para o leitor-espectador, uma intimidade maior com a história e seus personagens. Uma das razões dessa proximidade, defendida por Linda é que a “adaptação tem sua própria aura” (2013, p. 27). Para a autora existem três perspectivas distintas quanto ao fenômeno de adaptar: *transcodificar*, que envolve um tipo de mídia, no caso deste estudo é uma transcodificação da literatura para o cinema; *reinterpretar e recriar*, excluindo ou incluindo informações pertinentes ao objetivo da obra adaptada, no *Azyllo muito louco* isso acontece como na unificação de dois personagens em um só pelo diretor, e a *intertextualidade*, ou seja, as experiências anteriores que a literatura fornece e que alimenta a adaptação, como a presença constante do objeto da loucura na obra e no filme. Isso torna a adaptação cinematográfica uma segunda obra, mas sem ser secundária (HUNTCHON, 2013).

Para que os conceitos acima sejam percebidos é necessário uma comparação entre as duas obras, a novela e o filme: quais os elementos foram modificados e por quais motivos. Como pilar desse estudo comparativo é fundamental aplicar a teoria da *opacidade e transparência* de Xavier. Quando o aparato cinematográfico fica oculto na filmagem é dito como *transparência*, ou seja, quando cria-se no espectador a sensação de que o filme é realmente uma extensão do real e que foi naturalmente filmado. Diferentemente do conceito de *opacidade*, pois o uso do aparato nesse caso torna-se visivelmente identificável para o espectador e permite então uma análise mais crítica da obra cinematográfica (2005, p. 6). Isso pode ser notado em elementos como a música contida no filme analisado, pois trata-se de um marcador que indica uma intencionalidade por parte do diretor como construção narrativa. Existem outras formas de identificar e classificar os conceitos de *opacidade e transparência*: através da posição e movimentação da câmera, por exemplo.

Vale lembrar que esses conceitos foram definidos no final dos anos 1970 pelo o autor, período em que as teorias eram amplamente discutidas em relação ao que seria considerado cinema “clássico”, em virtude do número alto de produções comerciais. Embora o surgimento do movimento “Cinema Novo” tenha sido nos anos 1950, com a produção de filmes com baixo orçamento dentro da temática popular e voltado ao realismo, foram nos anos 1970 que as produções cinematográficas puderam ser notadas com um novo viés no país. Por meio desses filmes foi possível mostrar um Brasil diferente, pois havia muitos conflitos políticos e sociais, já que antes disso as produções foram marcadas pelas chanchadas. Após 1964 o movimento passou por mais duas fases que marcaram o período mais obscuro do país, o Golpe Militar. Diretores como Glauber Rocha, Ruy Guerra e Nelson Pereira dos Santos tiveram papel fundamental na história do cinema nacional nesse período.

Era comum adaptações por parte desses diretores das obras de Graciliano Ramos, Jorge Amado e outros escritores importantes. Não seria diferente com Machado de Assis. O mestiço que frequentou apenas a escola primária, conquistou visibilidade na literatura apesar das circunstâncias desfavoráveis, tanto pela sua posição social quanto pelo julgamento do meio em que vivia. Apesar de ser criticado por outros escritores da época por ser imparcial em relação a temas importantes, como a escravidão por exemplo, foi o maior literário da história do país e reconhecido em vida por suas produções. Ao analisar as diferenças e semelhanças na adaptação de Nelson Pereira dos Santos com a novela original foi possível notar que os dois levantam críticas à estrutura política e social do país, independente da época. Enquanto na novela, período no qual o positivismo ganha espaço, o médico é detentor da máxima do conhecimento científico, no filme o papel de articulador dessa máxima é o padre, que determina as prisões centralizadas nos personagens que possuíam cargos públicos naquela província.

Considerações finais

Com a evolução da própria discussão cinematográfica e dos princípios que constituem a definição da palavra adaptação como elemento chave deste estudo, torna-se depreciativo querer delimitar regras para produção dos filmes baseados em obras literárias, em especial que exijam fidelidade à obra adaptada. A hipótese levantada de que os autores, Machado e Nelson, desejaram trazer à tona discussões relevantes para a sociedade parece confirmar-se,

uma vez que fica explícito que Machado e Nelson constroem suas narrativas visando representar a condição sociopolítica do Brasil nos períodos em que as produziram. Enquanto veem-se na novela marcas expressivas da sociedade escravocrata do Segundo Reinado e da escravidão, no filme, de 1971 veem-se sinais de representação do Brasil à época do regime militar. Assim, ao adaptar a obra de Machado, Nelson repôs a discussão do país para a sua época, ora procurando adaptar a perspectiva do narrador machadiano ao filme (indo para aquilo que Xavier chama de *opacidade*), ora modificando a ordem dos personagens e situações, para melhor representar seu ponto de vista.

Referências bibliográficas

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Florianópolis: Editora UFSC, 2013.

XAVIER, Ismail. **O Discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

_____. **Do texto ao filme: a trama, a cena e a construção do olhar do cinema**. São Paulo: Senac/Itaú Cultural, 2003.